

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA: A LUTA POR UMA VAGA NA ESCOLA PÚBLICA

Ao fazer uma retrospectiva da escola nos meus primeiros anos de vida, não posso afirmar que foi ruim, mas também não foi estimulante. Guardo recordações boas das minhas professoras do Jardim de Infância ou Pré-escola, quando iniciei na Escola de Aplicação do Instituto de Educação da Paraíba (IEP), ou Escola Estadual Argentina Pereira Gomes, como é conhecida hoje, onde estudei até a quarta série ou o 5º ano. Iniciei a quinta série na Escola Estadual Olivina Olívia Carneiro da Cunha e concluí o Ensino Médio no Liceu Paraibano, localizados no centro da cidade de João Pessoa. Estas escolas seguiam, na época, mais ou menos a mesma estrutura e organização, podendo ser denominadas de escolas públicas com certo padrão de qualidade.

Na primeira escola, fiz o Jardim I, com a professora Socorro; o Jardim II, com a professora Amélia; e a primeira série, com a professora Fátima. Do Jardim de Infância, guardo recordações muito boas. Lembro-me das vezes em que a direção e os professores da escola saíam, com duas ou três turmas em fila, fazendo o percurso da Escola de Aplicação até a Praça da Independência. Nessa época, existiam brinquedos, a praça tinha o gramado limpo; era um parque bem cuidado, e não havia o medo da violência que habita hoje em nós. Brincávamos. Depois de algum tempo, sentados na grama, estendíamos os guardanapos e, sobre eles, o nosso lanche. Guardo a lembrança daqueles momentos agradáveis, do cheiro da merenda preparada pela minha mãe e que ficava na minha lancheira e no guardanapo de tecido. Na escola, lembro-me das brincadeiras no pátio, sob as sombras dos pés de castanhola e da diretora Maria Lima, pessoa muito agradável e muito presente entre os alunos. Frequentemente, saía pela escola dando o sinal, através de um sino, para voltarmos para a sala de aula após o recreio.

Algumas vezes, íamos ao Instituto Paraibano de Educação, a conhecida escola normal, ainda hoje localizada por trás da Escola de Aplicação. Adorava aqueles dias! Quando nos convidavam para ir ao auditório da escola, certamente era para assistirmos a algum Teatrinho de Fantoques. O simples fato de sair da sala de aula, subir as escadas da Escola, entrar e sentar na cadeira de um auditório com dezenas de crianças já era uma

coisa boa! Na Escola de Aplicação, também havia um auditório para nossas apresentações, quase sempre organizadas pela professora de Música que nos dava o prazer de assistir suas aulas uma única vez na semana. Lembro-me, também, que toda sexta-feira, antes de entrar em sala de aula, nos organizávamos na entrada principal da escola. Pontualmente às 7 h, cantávamos o Hino Nacional, e um aluno era chamado para hastear a bandeira. Havia um culto aos símbolos e à Pátria. Nunca esqueci um refrão de uma música que nos ensinaram e que era muito cantada na escola:

Este é um País que vai pra frente.
Ou, ou, ou, ou, ou.
De uma gente amiga e tão contente.
Ou, ou, ou, ou, ou.

Este é um País que vai pra frente.
De um povo unido.
De grande valor.
É o país que canta.
Trabalha e se agiganta.
É o Brasil do nosso amor.

Naquela época, não tinha consciência sobre o que tudo aquilo representava. Estávamos nos anos setenta, anos de ditadura. Só hoje, tenho entendimento de todo aquele culto ao patriotismo, seguido do empenho, por parte dos gestores, com relação ao cumprimento dos horários, ao fardamento, ao material escolar, enfim, à disciplina. Alunos que chegassem após as sete horas e quinze minutos não entravam na escola, sendo os pais comunicados a respeito. Todos os dias, uma inspetora passava na escola observando o fardamento de todos os alunos. Confesso que, alguns dias, escondia os pés para que não fosse vista com a meia de cor diferente da exigida pelo uniforme da escola. Quando isso acontecia, o aluno era chamado à atenção imediatamente. E quando a diretora visitava as salas? Tudo devia estar limpo e organizado. Nos anos finais, quando fiz a terceira e quarta séries, já não era a diretora Maria Lima. Transferiu-se a direção para a senhora Maria Eunice. Esta não era muito enérgica, mas não mantinha aproximação com as crianças como a anterior.

Das aulas, lembro-me de poucas coisas, porque seguia sempre a mesma rotina, com exceção das aulas de Música e Religião que eram diferentes. A maioria das boas lembranças

que guardo é sempre de atividades que se realizaram fora do espaço de sala de aula, até mesmo com relação à atividade de hasteamento da bandeira.

Palavras como disciplina, assiduidade e aluno aplicado marcaram a minha vida na escola; junto com elas, as aulas sempre da mesma forma, com leituras, cópias, exercícios intermináveis e a certeza de que teria que dar conta de todo o livro, sem deixar uma única página em branco. Talvez não tenha tantas lembranças porque a rotina da sala de aula não era estimulante. Era como se nada acontecesse: cada atividade era destituída de sentido e “não ajudava a entender o que eu estava sentindo em relação ao mundo”. O professor não tinha o menor interesse em saber o que se passava em meu mundo (DIMENSTEIN e ALVES, 2003, p. 19).

Era escola pública. Mas pouco se falava da falta de algum material ou merenda, não havendo “bolsa escola”, livro didático ou fardamento gratuito. Havia, sim, uma cobrança muito grande junto aos pais e aos alunos para que fossem mantidas a ordem e a disciplina dos alunos ali matriculados que desejassem continuar estudando. Sabíamos da exigência de não se repetir uma série e que, se isso acontecesse, só podia ocorrer uma vez. Caso contrário, perderíamos a tão esperada vaga na escola pública. Isso significava dizer que teríamos que estudar em escola privada. Minha mãe estava sempre nos lembrando disso!

Um fato com relação à aprendizagem marcou minha vida escolar; aconteceu na segunda série. Entrei na escola no meio do ano, antes mesmo de fazer quatro anos, tendo em vista assegurar a vaga na escola para o ano seguinte. Estudei seis meses do Jardim I; no ano seguinte, o Jardim II. E, como os professores viram que eu acompanhava, me colocaram no primeiro ano; acho que deixei de fazer o que correspondia à alfabetização. A professora Fátima era uma excelente profissional. Fui bem conduzida, mas carregava comigo a timidez. Apesar de ler razoavelmente bem, lia muito baixo. No segundo ano, como tinha avançado uma série, alcancei meu irmão. Ele não tinha um bom comportamento como eu, não atendendo à perspectiva da escola. Resultado, todos os dias era enviado um recado para minha mãe, sendo eu a responsável pela entrega. Isso me incomodava bastante. Percebia, muitas vezes, que a insatisfação da professora era transferida para mim. Nesse ano, com problemas de leitura, fui reprovada em linguagem e, conseqüentemente, compreensão de texto.

Ano seguinte, cursava a segunda série, novamente, com uma cobrança maior por parte da minha mãe. Todos os dias, ela sentava-se comigo e meus dois irmãos para

fazermos as tarefas de casa e leitura oral do texto estudado. Sempre que eu errava uma palavra, ela me mandava voltar e estudar mais. Era sempre a mesma coisa! Certo dia, brincando com tudo aquilo, eu, por iniciativa própria, resolvi fazer a leitura em voz alta e, caso errasse, voltaria para o início do texto, só prestando conta da lição quando conseguisse não errar mais, nenhuma palavra. E assim aconteceu. Lembro-me de uma parte do texto que dizia: “Lá vai Frederico feliz da vida em seu cavalo, fazendo pacata, pacata, pacata...” Pois bem, foi com esse texto, sem muita importância, que comecei a ler, sem pronunciar as palavras com dificuldade ou, como minha mãe falava: sem gaguejar. Daquele dia em diante, nunca mais tive problemas com a leitura na escola. Passei do não domínio ao domínio de uma atividade que estava relacionada a um “conjunto de significações vivenciadas”: a necessidade de não ser reprovada para não perder a vaga na escola, a necessidade de superar as dificuldades, de cumprir a tarefa etc. O melhor de tudo é que, repetida a segunda série, ao contrário de ser enfadonha, foi uma experiência bem sucedida, como se um mundo fosse se mostrando para mim. Passei a ler fluentemente, sem hesitar; a me relacionar mais com os colegas. Como já havia estudado nos mesmos livros no ano anterior, as tarefas ficavam mais fáceis. Foi um ano de notas boas e com uma professora muito amável com as crianças. Chamava Graça; para nós, professora Gracinha. Fazer parte de uma turma de repetentes, para mim, não representou absolutamente nada a partir daquele momento.

A escola errou, ao me fazer repetir o ano? Teria repetido a terceira série, caso estivesse sido aprovada na segunda série? O mais importante de toda experiência é fazer uma “leitura positiva” para buscar compreender como se constrói a situação de alunos que fracassam em um aprendizado. No meu caso, tento rever o que fiz, ou seja, o que me mobilizou a insistir para superar a dificuldade da leitura (CHARLOT, 2000, p. 30). Posso afirmar, neste momento, que a minha experiência de repetência, de fracasso, foi diferente da experiência da maioria dos alunos de hoje. Daquela época, não sei! No meu caso, o problema com a leitura foi superado. Mas quantas crianças não ficaram pelo caminho porque não sabiam ler. O que é lastimável é que a leitura, na maioria dos casos, é entendida como mera codificação das palavras. Como a escola não estimula a criança a falar, a pensar, a criar, a perguntar etc., o problema se estende à tão necessária “compreensão do texto”. A exigência e a insistência em alertar os alunos para o “erro” eram tão grandes, que nos impediam de pensar, limitando-se a compreensão do texto a questões metalinguísticas.

Compreensão estava distante de interpretação de textos. Mesmo assim, errávamos algumas vezes; outras horas, acertávamos. Fazíamos a caligrafia bonita, o caderno era limpo, páginas inteiras de respostas destituídas de sentido para nossa vida.

Ao superar o problema com a leitura, foi produzido, em mim, “um potente efeito de segurança” que me ajudou naquela série e nas seguintes. Como afirma Charlot (2000, p. 55),

A criança mobiliza-se em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor. A atividade possui, então, uma dinâmica interna. Não se deve esquecer, entretanto, que essa dinâmica supõe uma troca com o mundo, onde a criança encontra metas desejáveis, meios de ação e outros recursos que não ela mesma.

Aprender a ler ajudou-me a ter independência, tirou-me o peso do fracasso (CHARLOT, 2000, p. 72). Posso afirmar, também, que a minha experiência confirma as pesquisas acadêmicas: os maiores índices de repetência acontecem nas séries iniciais do ensino fundamental. É lastimável que, hoje, estes alunos que repetem o ano, ao contrário do que aconteceu comigo, terminem abandonando a escola ou nela permanecendo sem sucesso, causando grandes estragos em suas vidas. Devo o meu sucesso não à escola, mas, sobretudo, à minha mãe. Eu e minha mãe fomos postas no investimento de uma atividade que nos remetia a um “desejo, um sentido, um valor”. Significa dizer que a relação com o saber implica ter a ajuda de pessoas que nos ajudam a aprender. É, também, a relação com os mundos particulares, meios, espaços nos quais a criança vive e aprende.

Referências

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. (Trad. Bruno Magne) Porto Alegre: Artmed, 2000.

DIMENSTEIN, Gilberto.; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

Edna Maria Lopes da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, licenciada em Letras (UFPB). Atualmente, é professora substituta do DHP – Departamento de Habilitação Pedagógica do Centro de Educação da UFPB. Integrante do NIPAN – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Sexo e Gênero – GT Gênero e Educação. O texto “Lembranças da infância: a luta por uma vaga na escola pública” apresenta experiências ocorridas de 1969 a 1972

E-mail: medeiae@yahoo.com.br

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016